

### **A escuta do equívoco na fala da criança: um impasse entre estrutura e função da língua<sup>1</sup>**

Listening to the error in the child's speech: an impasse  
between structure and function of language

**Glória Maria Monteiro de CARVALHO\***

UNIVERSIDADE CATÓLICA DE PERNAMBUCO – UNICAP/BRASIL

#### **RESUMO**

Pretendemos, neste artigo, colocar em discussão a dicotomia *estrutura vs função* da língua, com fundamento, sobretudo, em Michel Pêcheux. Tentamos exemplificar essa discussão no campo da aquisição de linguagem. Em tal campo, corre-se o risco de excluir a singularidade da fala da criança, ora negando a teoria linguística, ora aplicando essa teoria como instrumento de descrição de *corpora* dessas falas. Assumimos que a escuta do investigador para o *equívoco*, nas produções verbais infantis, indica um ponto de *impasse* que, ao capturar o investigador, põe em questão a separação excludente entre *estrutura e função* da língua, na investigação da trajetória linguística da criança.

**PALAVRAS-CHAVE:** Estrutura. Função. Impasse.

<sup>1</sup> Este trabalho faz parte de Projeto de Pesquisa financiado pelo CNPq.

\* Sobre a autora ver página 215.

**ABSTRACT**

*This paper intends to bring into question the dichotomy structure vs function of language, based mainly on Michel Pécheux. We tried to exemplify this discussion in the field of language acquisition. In such a field, there is a risk of excluding the singularity of the child's speech, sometimes denying the linguistic theory and sometimes applying this theory as a tool for the corpora description of these speeches. We assume that the investigator's listening to the error in the child's utterances indicates a point of impasse that, by capturing the investigator, questions the exclusive separation between structure and function of language, in the investigation on the linguistic trajectory of the child.*

**KEYWORDS:** *Structure. Function. Impasse.*

**1 Introdução**

Este artigo consiste numa tentativa de colocar em discussão a dicotomia *estrutura vs função* da língua, procurando exemplificá-la no campo da aquisição de linguagem. Assumimos a proposta de que, nesse campo de investigação, a referida dicotomia produz efeito que compromete a abordagem da fala da criança em seu caráter de singularidade. Podemos dizer que se trata de um efeito (negativo) que essa dicotomia provoca sobre o compromisso do investigador com a fala infantil, na medida em que tal compromisso, vale lembrar, é assumido com a singularidade que as produções verbais da criança representam em seu momento de mudança de uma condição de não falante para uma condição de falante de sua língua. Em outras palavras, assumimos que a escuta dessa singularidade, pelo investigador da aquisição da linguagem, é comprometida, ou mesmo, impedida sob o efeito da dicotomia em foco.

Nesse sentido, se escutarmos a fala da criança, tentando aplicarmos estruturas da língua, de acordo com determinada teoria linguística, teremos que *higienizar* (segundo a expressão de De Lemos, 1982), ou apagar, expulsar dessa escuta aquelas produções verbais que se chocam com o modelo teórico assumido, ou que não podem ser abarcadas por esse modelo. No entanto, essa higienização, na investigação da

aquisição de linguagem, paradoxalmente, exclui seu objeto de estudo, isto é, aquilo que se pode chamar *a fala da criança*, na medida em que exclui sua marca de singularidade. Trata-se, em última análise, dos vários entraves decorrentes do tema da aplicação de uma teoria linguística a um *corpus*, conforme foi discutido por Lier-De Vitto e Carvalho (2008). Nas palavras dessas autoras:

Assim, aparatos de descrição realizam lógica e necessariamente uma seleção em *corpora* de falas de crianças: aqueles dados que não se ajustam aos tipos abstratos (categorias e regras) não podem ser analisados, são descartados e tratados como ‘irrelevantes’. (LIER-DE VITTO; CARVALHO, 2008, p. 122).

De outro modo, se escutarmos a fala da criança, tentando nela identificar usos e funções da língua, como é o caso de identificar seus usos sociais nas produções verbais infantis, estaria faltando uma teoria que atribuísse estatuto teórico-conceitual às estruturas linguísticas usadas pela criança. Por sua vez, em nome de objetivos socialmente estabelecidos, de valores ou padrões culturais de uma determinada comunidade, por exemplo, estaria também comprometida a escuta da singularidade da fala da criança, na investigação da aquisição de linguagem. Em outras palavras, teriam também que ser excluídas/apagadas aquelas manifestações verbais que não tivessem algum tipo de relação com esses objetivos, valores e padrões dominantes numa comunidade de falantes.

É importante, neste momento, colocarmos a concepção de singularidade que estamos assumindo, destacando, de início, que esse termo não denomina apenas as manifestações diferentes ou desviantes em relação a um determinado padrão. Também não se trata do peculiar ou do particular a cada sujeito, posto que, se assim o fosse, estaríamos dentro da proposta positivista na qual se teria, de um lado, o universal e, de outro, as peculiaridades individuais. Nesse caso, a função do particular seria permitir a constituição, manutenção e fortalecimento do universal, ficando fora do conceito no movimento de abstração. Numa outra abordagem, assumimos que o singular implicaria a impossibilidade de

separar o universal e o particular, devido ao lugar central ocupado pelo equívoco, ou melhor, ocupado pela quebra que esse equívoco produz no universal, o que tentaremos especificar mais adiante, sobretudo com fundamento em Pêcheux (1998).

## 2 Sobre a não neutralidade da dicotomia *estrutura vs função da língua*

Parece importante destacar o fato histórico de que a abordagem funcional da língua, num momento inicial, teve lugar no âmbito de uma herança do estruturalismo saussuriano. Nesse sentido, remetemos, por exemplo, à concepção e classificação de funções da língua formuladas por Jakobson (1971) e ao desenvolvimento do que se pode chamar de *estruturalismos funcionalistas*<sup>2</sup>.

A partir daí, a noção de função da língua, em confronto com sua estrutura, estabelece-se como uma dicotomia cujas vicissitudes decorreriam das diferenças entre grupos de autores que marcaram determinados momentos da história da linguística (ver, a esse respeito, PÊCHEUX, 1998). No entanto, apesar dessas diferenças, ao que tudo indica, a noção de função sempre esteve atravessada pela proposta de que “a linguagem deve ser olhada nas relações com a organização do mundo” (PAVEAU; SARFATI, 2006, p. 115), à qual se incorpora uma dimensão comunicativa.

Por sua vez, apesar das variações nas correntes de pensamento que, atualmente, colocam-se sob o rótulo de *funcionalismo linguístico*, pode-se facilmente supor que não é neutra a circunstância de que a função da língua esteja, inicialmente, atrelada a uma concepção estruturalista. Também não são neutros o estabelecimento da dicotomia *estrutura vs função* da língua ou as variações ocorridas nessa dicotomia. Uma evidência histórica dessa não neutralidade nos é fornecida por Pêcheux, quando, afirma que:

O momento da aparente unificação da linguística dos anos 50, na forma dominante do funcionalismo, coincide com a retomada

<sup>2</sup> Não é nosso objetivo, neste artigo, entrar na história das teorias linguísticas. Sobre uma análise crítica dos momentos dessa história, remetemos o leitor, principalmente, a Pêcheux (1998) e a Paveau e Sarfati (2006).

do desenvolvimento industrial do pós-guerra, que precisa do desenvolvimento e da difusão de novos procedimentos tecnológicos, nas esferas da produção, da formação profissional, da educação e da saúde. (PÊCHEUX, 1998, p. 15).

Acrescentamos então que a não neutralidade dessas circunstâncias históricas estaria significando que se deve colocar em discussão uma classificação dicotômica, excludente das abordagens da língua em dois pólos: *estrutural vs funcional*. Em outras palavras, tratar a língua do ponto de vista estrutural excluiria o seu tratamento do ponto de vista funcional e vice versa, sendo as duas dimensões consideradas como opostas. Por sua vez, tal oposição estaria privilegiando um ou outro pólo, em diferentes momentos da história da linguística. A discussão proposta implicaria, portanto, uma desnaturalização dessa dicotomia, no sentido de que não se trata de um fato natural, dado a priori e que deveria ser aceito sem restrição, mas, ao contrário, seria relativo a uma história, a um momento sócio-cultural e a posições teórico-epistemológico-metodológicas.

Numa posição contrária a essa separação, realçamos o argumento de Pêcheux, segundo o qual certos universos discursivos, logicamente estabilizados – como é o caso do discurso matemático – só foram possíveis apoiando-se em determinadas propriedades das línguas naturais. Por sua vez, também não se pode negar que:

É necessário reconhecer que qualquer língua natural é também, e antes de mais nada, a condição de existência de universos discursivos não estabilizados logicamente, próprios ao espaço sócio-histórico dos rituais ideológicos, dos discursos filosóficos, dos enunciados políticos, da expressão cultural e estética. Nesta segunda categoria de universos discursivos, a ambiguidade e o equívoco constituem um fato estrutural incontornável. (PÊCHEUX, 1998, p. 24).

Nessa afirmação, o autor expressa o ponto de encontro, ou o ponto de indissociabilidade entre estrutura e função da língua, isto é, entre sua ordem própria e suas manifestações sócio-culturais. Dizendo de outro modo, esse ponto em que não é mais possível separar estrutura e função

consiste no equívoco que, ao desestabilizar categorias e regras, torna-se visível em vários usos da língua. O equívoco, isto é, a possibilidade de um termo linguístico ser ele mesmo e, simultaneamente, um outro (MILNER, 1987) é, então, concebido como fato estrutural (incontornável) implicado pela ordem simbólica ou, para usar a expressão de Leite (1994), é concebido como um *acontecimento na estrutura*. Desse modo, para haver discursos não estabilizados logicamente, isto é, discursos de natureza sócio-cultural, é imprescindível que haja uma estrutura de categorias e regras a serem desestabilizadas em algum ponto, marcando, assim, nesse ponto de desestabilização ou de equívoco, uma radical impossibilidade de separar estrutura e função da língua.

De acordo com nossa proposta explicitada no início, tentaremos, a título de exemplo, colocar em discussão essa dicotomia, na investigação da aquisição de linguagem.

### **3 Investigação da aquisição de linguagem: uma exclusão da fala da criança**

No campo da aquisição de linguagem, o cenário decorrente do efeito produzido sobre o investigador, pela dicotomia em questão, é esboçado por De Lemos, ao afirmar que a “negação da teoria linguística coexiste na área da aquisição de linguagem com o recurso a essa teoria como referência para a ‘análise’ da fala da criança.” (DE LEMOS, 1999: 14). Dando destaque ao uso da teoria linguística para analisar/descrever a fala da criança, essa autora também considera que “Nos moldes da tradição de descrever a estruturação sentencial na fala de crianças, erros e imitações são descartados porque não representariam um conhecimento categorial, gramatical”. (DE LEMOS 1982, apud, LIER-DE VITTO; CARVALHO, 2008), apontando, assim, para o tema da aplicação da teoria referido anteriormente. É importante ainda notar, em relação a esse tema, a afirmação de Lopes:

Assim, da mesma forma que a teoria da gramática olha para os dados a partir de sua gramaticalidade e despreza quaisquer

outras explicações advindas, por exemplo, de uma teoria da performance, abarcando para dentro de si um número cada vez maior de categorias, aqueles que fazem aquisição de linguagem no modelo gerativo olham para os dados de produção de crianças em fase de aquisição e, à guisa de juízos de gramaticalidade, impingem-lhes tais categorias. (LOPES, 1995, p. 85)

Desse modo, a utilização, pela autora, da expressão *impingem-lhes tais categorias* deixa claras tanto a aplicação, à fala da criança, de categorias e regras (ou princípios) de acordo com determinada teoria (no caso, a teoria gerativa), como a consequente exclusão dessa fala em sua dimensão de singularidade. No entanto, convém notar que tal exclusão é, de algum modo, pretendida nessa proposta, o que é explicitamente colocado pela autora citada, ao analisar produções verbais de uma menina (Laura), com sérios comprometimentos cognitivos: “O movimento que fiz aqui foi o de apagar o ‘singular’ da Laura e colocar aí um objeto que supostamente reflete um funcionamento mental esperado da espécie, naquilo que pretende dizer desse funcionamento, como afirmei no início.” (LOPES, 2003, p. 106)

Ainda no que toca esse tema, destacamos o artigo de De Lemos, Lier-De Vitto, Andrade e Silveira (2001) que, em relação especificamente às ideias de Saussure, discutem a aplicação da teoria linguística como sua redução a um instrumento de descrição da fala, em busca de regularidades. Por sua vez, destacam que a fala da criança sem dificuldades e a fala com dificuldades ou sintomática – em virtude do seu caráter marcadamente heterogêneo e imprevisível – parecem resistir a uma tal busca de regularidades.

É nesse ponto de resistência que se encontram, de forma indissociável, estrutura e função da língua. Dizendo de outro modo, é no momento em que o uso que a criança faz da língua oferece resistência à tentativa de aplicar uma estrutura linguística a suas produções verbais, que se pode falar em singularidade, ou melhor, que se pode falar no fato estrutural do equívoco. Em última análise, pode-se falar num *impasse* entre estrutura e função da língua, impasse que é vivenciado pelo investigador

em aquisição de linguagem e que procuraremos exemplificar, a seguir.

#### 4 A escuta do equívoco na fala da criança: um exemplo de impasse

Iniciaremos este item colocando em foco o termo *impasse*, na tentativa de tirarmos consequências, especificamente no que toca a escuta do equívoco na fala da criança, pelo investigador da aquisição de linguagem.

Nesse sentido, realçamos que, do ponto de vista etimológico, o impasse vem do francês *impasse* que significa *rua sem saída* e, por extensão, *situação sem saída*; é derivado de *im+passé* (do verbo francês *passer-passar* o qual, por sua vez, tem sua raiz latina em *pass* que, numa de suas vertentes de sentido (*pandus, a, um*), é: *o que se abre*).

Segundo Houaiss (2001), o impasse, vindo para o português através do francês, assumiu três nuances de sentido: 1) situação aparentemente sem solução favorável; 2) beco sem saída, dificuldade insolúvel; 3) qualquer fato ou coisa que dificulta ou impede. Talvez, o *aparentemente* – contido na primeira nuance de sentido desse termo – justifique a sua inclusão, muito comum em expressões como: *sair do impasse, superar o impasse, resolver o impasse* e outras.

Destacamos, entretanto, a segunda e a terceira nuances de sentido, isto é, a de *beco sem saída* e a de *algo que impede a solução*. Enquanto que a segunda traz uma conotação de *estar preso, paralisado*, a terceira carrega uma marca de movimento, de algo que *resiste* a uma solução.

Assumimos, portanto, a noção de impasse como *estar preso* e, ao mesmo tempo, como *movimento de resistência a uma solução*.

Para Badiou (1997), o *impasse*, em sua condição de insolúvel, contemplaria a possibilidade da formulação de uma síntese ou teorização, pretendida como solução para uma determinada questão. Em outras palavras, a constituição da síntese apontaria, inevitavelmente, para o sentido da provisoriidade de uma escrita ou de um saber produzido, ou, ainda, de uma solução proposta para uma questão. Dizendo melhor, conforme as ideias desse autor, a admissão de um lugar para o *impasse*

residiria, justamente, no ponto em que um *corde* se impõe à síntese feita com base numa teoria, qualquer que fosse a sua natureza. Trata-se, portanto, de uma certa desmontagem da síntese ou da solução pretendida. Por sua vez, o ciclo seria recorrente, quer dizer, trata-se de um contínuo movimento de *fazer/desfazer/refazer*.

Trazendo as nuances da noção de impasse para o campo da aquisição de linguagem, transcreveremos, apenas a título de ilustração, dois fragmentos de diálogo entre mãe e criança.<sup>3</sup>

(1) (C: criança – dois anos e oito dias – está pronta para ir ao aniversário de um amiguinho)

M: Da onde é essa chave?

C: Fom fom

M: Do carro? Bonito esse chaveiro da C. *verde*

C: *Deceu vede/* esse num é/ esse/ maon

M: Esse é marrom?

C: É

M: Não, *é verde*. Abre a boca prá tomar remédio

(2) (C: criança – dois anos e três meses – e M: mãe)

C: Ele tá isquevendo (figura de alguém escrevendo)

M: Tá escrevendo aonde?

C: Aqui.

M: O que que é isso aqui?

C: *É uma isquinitá/pa/papel*

M: Aonde ele tá escrevendo?

Na sua escuta da produção equívoca *deceu vede*, no exemplo 1, o investigador oscilaria entre os termos *ver* e *verde*, não podendo se decidir por algum desses termos. Em outras palavras, seria impossível atribuir, com segurança, um sentido determinado aos significantes dessa fala,

<sup>3</sup> Os fragmentos de diálogo transcritos pertencem ao Banco de Dados do Projeto de Aquisição de Linguagem do IEL-UNICAMP e foram recortados de um *corpus* que faz parte de Projeto de Pesquisa coordenado pela autora com financiamento do CNPq.

consistindo, assim, num ponto de destabilização, isto é, num ponto de resistência que a fala da criança opõe à descrição gramatical.

Esse ponto de resistência se torna mais visível no exemplo 2, em que se destaca a produção insólita da criança - C: *É uma isquivitá*, respondendo à pergunta da mãe - M: *O que que é isso aqui?* É importante notar que essa produção verbal de C provocou no investigador, de forma mais clara, um efeito de estranhamento, no sentido atribuído por Teresa Lemos (2002), com base na noção freudiana de *estranho*. Nesse sentido, o estranhamento decorreria de numa combinatória, já esquecida, da língua e que retorna, como efeito provocado no investigador, por meio de sua escuta da fala da criança. Em tal perspectiva, assumimos que, nessa produção estranha, teria havido uma recombinação de significantes de *tá escrevendo*, consistindo, portanto, num uso singular de uma estrutura linguística pela criança. Essa produção não poderia ser colocada numa categoria gramatical, ou mais ainda, ela oferece resistência a sua descrição com base em alguma categoria gramatical, sobretudo porque, na escuta do investigador, através de uma semelhança fônica, veio a estrutura: *Tá escrevendo*. Assim, o investigador teria ficado preso nessa relação entre o *isquivitá* e a estrutura *tá escrevendo*, isto é, teria ficado preso no equívoco de *uma esquivitá* que, supostamente, ocupa um lugar de substantivo, mas se transforma, por semelhança fônica, num verbo. Em outras palavras, o investigador teria sido aprisionado entre um substantivo ou um verbo.

É nesse sentido que podemos falar sobre a escuta do *esquivitá*, em termos de um ponto de *aprisionamento*. Mas, ao mesmo tempo, podemos indicar um movimento, nesse ponto, quando o concebemos como *resistência* a uma descrição linguística, ou como *equívoco*, isto é, um *fato estrutural*, em que o uso (estranho ou insólito) da língua desestabiliza categorias e regras, indicando um ponto de indissociabilidade entre estrutura e função.

É importante ainda indicar o equívoco na fala da criança, convocando o exemplo clássico fornecido por Adam – uma das crianças acompanhadas por Bellugi, em sua investigação – e recortado, primeiramente, por Lemos (2002).

(3) Parecia-me que as três crianças [Adam, Eve e Sarah] estavam muito à frente de nós, fazendo progressos numa velocidade que excedia em muito nossa capacidade de catalogar e analisar [...] No meio de uma sessão, Adam podia, de repente, abrindo bem os olhos, me brindar com diálogos especiais. Numa dessas ocasiões, Adam tinha acabado de afirmar que tinha um relógio, mas ele nunca havia tido um de fato e, mais ainda, nem sabia ler as horas: Eu: “Eu achei que você tinha dito que tinha um relógio”.

Adam: “Eu tenho sim (com dignidade ofendida), o que você pensa que eu sou, um não menino com não relógio?” (no original: “a no boy with no watch?”).

Eu: “Que tipo de menino?”

Adam (enunciando bem claramente): “Um não menino com não relógio”.

Exemplos como esses nos davam a sensação de estar no início de uma maravilhosa descoberta. (BELLUGI, apud LEMOS, 2002, p. 110).<sup>4</sup>

Podemos notar que a produção estranha: *um não menino com não relógio* (no original: *a no boy with no watch*) desestabilizou o modelo com o qual Bellugi escutava a fala da criança, tendo sido registrada e destacada por Lemos (2002) a perplexidade dessa autora, no seu confronto com tal desestabilização.

A partir desse destaque, a produção de Adam foi escutada por vários investigadores da aquisição de linguagem. Vale realçar, contudo, a interpretação proposta por De Lemos (2002), que lê em *estruturas manifestas – no boy e no watch –*, *estruturas latentes*, dentre as quais: *nobody*, *nothing e no one*. Como se pode notar, essa síntese ou solução proposta

<sup>4</sup>Lemos, (2002) destaca o fato de que é impossível traduzir dados deste tipo sem perder o efeito inédito que ele produz no campo do sentido:

It seemed to me that the three children [Adam, Eve and Sarah] were far ahead of us, making progress at a rate that greatly exceeded our hability to catalogue and analyse [...] In the middle of a session, Adam would open his eyes wide and provide me with special dialogues. In one case, Adam had just claimed that he had a watch, but he never in fact had one, and what's more, couldn't tell time: Me: “I thought you said you had a watch”

Adam: “I do have one”, (with offended dignity), “what d'you think I am a no boy with no watch?”

Me: “What kind of a boy?” Adam: (Enunciating very clearly): “A no boy with no watch”  
Exemples like this gave us the sense of being in the beginnings of a wonderful discovery.

já constitui uma tentativa de escutar a resistência, de escrever o equívoco, ou melhor, uma tentativa de se confrontar com o impasse, na medida em que indica que sua autora teria ficado presa entre várias estruturas (*no boy, nobody, nothing, no one*). Em outras palavras, o *no boy with no watch* – que resistiu a uma descrição gramatical – transforma-se, por semelhança fônica, na escuta do investigador, em várias estruturas, caracterizando o ponto de equívoco. No entanto, mais tarde, essa autora retoma o caso da produção de Adam, e lê em “*a no boy with no watch*” a questão de “*ser homem*” ou “*ser mulher*” que, nas palavras da autora, para além de ter-se valido de estruturas como *nobody, nothing* e *no one* da sua língua nelas irrompendo com o seu *no boy*, essa produção mostra as marcas de sua trajetória na passagem pelo complexo edipiano.

Assim, uma nova desestabilização teria ocorrido na síntese ou na solução proposta para uma questão colocada pela fala de Adam, remetendo, mais claramente, ao movimento de fazer/desfazer/refazer que constitui o cerne do impasse. É nesse sentido que podemos também falar sobre tal escuta do *no boy*, em termos de uma escuta da *resistência*, um ponto de *aprisionamento* no tecido daquela leitura/síntese/tentativa de solução anterior.

## 5 Considerações finais

Com fundamento em aspectos discutidos anteriormente, podemos dizer que, em aquisição de linguagem, o fato estrutural do equívoco consiste numa escuta do investigador para a fala da criança, nos pontos que o aprisionam, o que significa dizer, nos pontos em que ele se surpreende com o movimento de resistência que a fala da criança oferece a suas tentativas de solução para questões colocadas por essa fala. A surpresa, por sua vez, estaria indicando que o investigador foi apanhado no entrelaçamento do texto confeccionado – no tear da investigação – com os fios da fala da criança e com os fios de seu próprio tecido, o que significa dizer: *ele foi capturado no tecido da investigação*, nos seus pontos de desvio, de impasse, nos seus becos sem-saída.

Lemos, (2006) realça que, no caso da investigação da aquisição de linguagem, *é do lado do investigador que se pode apontar a condição de sujeito*.

Assim, é sobretudo do lado desse sujeito que podemos localizar o impasse. Nessa perspectiva, não parece demais insistir que é no tecido da investigação da trajetória linguística da criança, que o investigador *escuta a resistência* que o *vir-a-ser-falante* oferece aos modelos teórico-empírico-metodológicos, surpreendendo-se ao ser capturado nos pontos de *impasse* desse tecido.

Para finalizar, destaquemos que, na investigação da aquisição de linguagem, trata-se de atribuir à noção de impasse o estatuto de método, não no sentido clássico, mas no sentido de um modo de escuta, tirando, assim o impasse de sua noção, muito comum, de dificuldade para a qual se busca uma saída ou uma superação. Seria, enfim, um método de abordar a fala da criança, tentando não anular a teoria linguística, nem aplicar essa teoria às produções verbais infantis, submetendo-as a um processo de higienização. Isso significa aderir a uma tentativa de abordar a fala da criança, na sua singularidade, no seu ponto de equívoco ou de desestabilização, ou melhor, no ponto em que já não é possível a relação excludente entre estrutura e função da língua. Em outras palavras, trata-se de abordar um fato estrutural incontornável onde *estrutura e função* da língua não podem ser separadas, colocando, portanto, em questão essa dicotomia na escuta do investigador para a fala da criança.

## REFERÊNCIAS

BADIOU, A. Onde estamos com a questão do sujeito? **Letra Freudiana**. Rio de Janeiro, ano XVI, 22, p. 27-44, 1997.

HOUAISS, A. **Dicionário Houaiss da língua portuguesa**. Rio de Janeiro: Editora Objetiva, 2001.

DE LEMOS, C. Sobre a aquisição da linguagem e seu dilema (pecado) original. **Boletim da Abralín**. Recife, v. 3, p. 97-136, 1982

DE LEMOS, C. Sobre o “Interacionismo”. **Letras de Hoje**, Porto Alegre, v. 34, n. 3, p. 11-16, 1999.

DE LEMOS, C. Das vicissitudes da fala da criança e de sua investigação, **Cadernos de Estudos Linguísticos**, Campinas, n. 42, p. 41-69, 2002.

DE LEMOS, C.; LIER-DE VITTO, M.F.; ANDRADE, L.; SILVEIRA, E. Le saussurisme en Amérique Latine au XXe siècle. In: **Colloque International: Saussure Après un Siècle**, Junho de 2001, Archamps, France-Genève, Suíça.

JAKOBSON, R. **Linguística e comunicação**. São Paulo: Cultrix, 1971. Edição original: 1963.

LEMOS, M.T. **A língua que me falta**: uma análise dos estudos em aquisição da linguagem. Campinas: Mercado de Letras, 2002.

LEMOS, M.T. O sujeito imprevisto. In: LIER-DE VITTO, M.F.; ARANTES, L. (Org.) **Aquisição, patologias e clínica de linguagem**. São Paulo: EDUC-FAPESP, 2006, p. 57-62.

LEITE, N.V.A. **Psicanálise e análise do discurso**: o acontecimento na estrutura. Rio de Janeiro: Campo Matêmico, 1994.

LIER-DE VITTO, M.F.; CARVALHO, G.M. O Interacionismo: uma teorização sobre a aquisição da linguagem. In: QUADROS, R. M.; FINGER, I. **Teorias de aquisição da linguagem**. Florianópolis: Editora da UFSC, 2008, p. 115-146.

LOPES, R.E.V. O que a criança não nos diz – o lugar da empiria no modelo chomskiano. **Letras de Hoje**, Porto Alegre, v. 30, n. 4, p. 83-89, 1995.

LOPES, R.E.V. (Just) talking heads. In: LEITE, N.V.A. (Org.) **Corpolinguagem**: gestos e afetos. Campinas: Mercado de Letras, 2003, p. 99-106.

MILNER, J.C. **O amor da língua**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1987.

PAVEAU, M-A.; SARFATI, G-E. **As grandes teorias da linguística**: da gramática comparada à pragmática. São Carlos: Claraluz, 2006.

PÊCHEUX, M. Sobre a (des-)construção das teorias linguísticas. **Língua e instrumentos lingüísticos**, Campinas, n. 4/5, p. 7-32, 1998.

*Recebido em março de 2014.*

*Aprovado em julho de 2014.*

## **SOBRE A AUTORA**

**Glória Maria Monteiro de Carvalho** é doutora em Linguística pela Universidade Estadual de Campinas - Instituto de Estudos da Linguagem-IEL/UNICAMP, professora e pesquisadora CNPq do Programa de Pós-graduação em Ciências da Linguagem da Universidade Católica de Pernambuco-UNICAP, na área de aquisição de linguagem.  
E-mail: [gmmcarvalho@uol.com.br](mailto:gmmcarvalho@uol.com.br)